



POR UMA EDUCAÇÃO SENSÍVEL NO CONTEXTO ESCOLAR: REFLEXÕES A CERCA DO CORPO ESTESIOLOGÍCO¹

Wanessa Cristina Maranhão de Freitas Rodrigues²

Rodolfo Pio Gomes da Silva³

Érica Moreira Freire⁴

Aguinaldo Cesar Surdi⁵

José Pereira de Melo⁶

RESUMO

Este ensaio procura discutir sobre a educação sensível como possibilidade para a inserção do corpo estesiológico no ambiente escolar. Dentre os principais autores que procuramos para dialogar sobre o assunto, citamos Merleau-Ponty e Nóbrega para trazer a reflexão sobre o corpo estesiológico na educação. Assim como recorreremos a Paulo Freire e Silvino Santin na discussão sobre a educação sensível.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo Estesiológico; Sensibilidade; Educação sensível.

1 INTRODUÇÃO

Apesar de tantos avanços nas discussões sobre o corpo, ele parece ainda não ter encontrado seu espaço nas escolas. Isso se dá pela busca desenfreada por resultados e metas, que reforçam o viés utilitarista do corpo, como um utensílio, um apêndice para o aprendizado escolar. Neste sentido, nos é passado à ideia de que quanto mais o corpo é disciplinado, comportado, controlado, mais ele pode aprender, produzir e alcançar bons resultados.

Mas, será que nossa vida escolar se resume a essa busca? Esse questionamento nos remete ao vídeo de Charlie Brown, personagem do desenho Snoopy, onde em um de seus dias na escola, ele se preocupa porque tem que tirar uma nota senão “repetirá o ano”, e ele se questiona sobre essa pressão por tirar notas boas. Seu amigo Linus logo diz que acha que o propósito de ir à escola é tirar boas notas, aí você vai para o segundo grau, onde o propósito é estudar mais ainda para tirar boas notas e poder ir pra faculdade. E o propósito de ir pra faculdade é tirar boas notas para poder fazer pós-graduação, e o propósito disso é você estudar mais e

1 O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

2 Universidade Federal do Rio Grande do Norte, wanessacristy@hotmail.com

3 Universidade Federal do Rio Grande do Norte, rodolfoedfisica@hotmail.com

4 Universidade Federal do Rio Grande do Norte, erikafreire@outlook.com.br

5 Universidade Federal do Rio Grande do Norte, aguinaldosurdi@yahoo.com.br

6 Universidade Federal do Rio Grande do Norte, jose.pereira.melo@uol.com.br

tirar boas notas para ter um emprego e ser bem sucedido, pra casar e ter filhos, para poder mandá-los pra escola para tirarem boas notas, para poderem ir pro segundo grau e tirarem boas notas para ir para a faculdade...

A partir dessa reflexão podemos pensar sobre o papel da escola em nossas vidas e qual o significado do corpo em todo este processo de escolarização que passamos. Será um mero objeto auxiliador da aprendizagem racional, ou como corpo estesiológico, fonte primordial da experiência sensível que possibilita a valorização do humano do homem, no dizer Merleau Ponty (1971) como corpo vivido, corpo-próprio, fundado na existência, como percepção sensível do mundo. Neste sentido, queremos refletir sobre as seguintes questões: Existe lugar na escola para o corpo estesiológico? A educação sensível pode ser apontada como um caminho para refletirmos sobre o lugar deste corpo?

2 O CORPO NA EDUCAÇÃO

A educação, no contexto atual é fruto da cultura ocidental, que tem como base a concepção da Grécia Antiga, que consistia na dualidade entre corpo e alma apesar da divergência entre filósofos da época sobre modelos de educação. Sócrates, por exemplo, julgava que corpo e alma tinham a mesma importância, tendo a visão de uma educação integral que contemplasse o homem na sua totalidade. Diferentemente, Platão acreditava que o corpo era a prisão da alma e por essa razão apenas o intelecto deveria ser contemplado no ensino. No entendimento de Nóbrega (2010), a compreensão de corpo como instrumento da alma foi a mais difundida na cultura ocidental. Alves (1981) traz a seguinte reflexão sobre o lugar desse corpo nos dias de hoje.

[...] o fato é que a racionalização e a eficiência, fundamentos de nossa civilização, não podem existir sem a repressão ao corpo. Para que um homem se torne uma função do sistema ele tem de reprimir todos os ritmos naturais de seu corpo e começar a operar no ritmo estabelecido pelo próprio sistema. O jogo e a eficiência não caminham juntos. Enquanto você olha o relógio, enquanto corre para tomar um ônibus ou o metrô, entra na fábrica ou no asséptico mundo da burocracia, todas as coisas repetem o mesmo refrão: “o corpo deve ser vencido”.

E assim prossegue a educação. É imprescindível que o lugar desse corpo na escola seja reconsiderado. Mas de que forma dá voz a esse corpo que até hoje foi silenciado e aprisionado? Para Rios e Moreira (2015, p.52)

A aprendizagem hoje ainda é uma aprendizagem sem corpo, não somente pelo motivo do aluno ter de ficar sem se movimentar, mas principalmente pela distribuição dos conteúdos e características dos métodos, que colocam o aluno em um mundo diferente do que ele vive e pensa impedindo-o de se expressar.

Seria preciso pensar numa mudança que envolvesse a estrutura das escolas, a formação dos professores, o modelo existente de currículo, o processo avaliativo, e principalmente, a relação professor/aluno. Sabemos que não se trata de uma tarefa fácil, pois “considerar o corpo na educação, para além do aspecto racionalista ou instrumental, é uma tarefa que exige exame radical de nossa relação com os afetos,

com a linguagem, com a sexualidade, com a arte, com a cultura de modo geral” (NÓBREGA, 2010, p.12).

Além disso, temos mais um desafio pela frente, superar o pensamento de que as atividades que envolvem o corpo são de responsabilidade única da Educação Física e das Artes, mesmo que elas sejam privilegiadas porque “tematizam práticas humanas cuja expressão, em termos de linguagem, tem no corpo sua referência específica, como é o caso da dança ou do esporte” (NÓBREGA, 2010, p.111). O corpo precisa deixar de ser negado nas demais atividades do espaço escolar. Santos (2016, p.464) comenta que

É imprescindível uma educação que considere o corpo como uma ligação homem-mundo, que esteja presente na cultura, no trabalho, nas relações. Uma educação que considere importante a movimentação e a transformação de nossos corpos, para que possamos transformar as coisas do mundo [...].

Quando ele fala em movimento, ele não se refere à Educação Física, mas sim a educação. Dessa forma, a escola precisa ser um espaço que proporcione a esse corpo, que vive, que deseja, que sofre, que traz marcas sociais e históricas - experiências sensíveis. (FREIRE, 2008).

3 O CORPO E A EDUCAÇÃO SENSÍVEL

Quando penso em educação sensível, o primeiro autor que me vem a mente, mesmo que não me recorde do uso deste termo em suas escritas, é Paulo Freire. Ele nos faz refletir sobre a importância de conhecer o aluno, e vê-lo como um sujeito histórico e social. Enfatiza em suas obras alguns aspectos os quais considera primordiais como: simplicidade, humanismo, bom senso (ética em geral) e esperança. Entendemos como educação sensível a educação a qual Paulo Freire defendeu.

Freire (1996, p.37) defende que “a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta”, ou seja, ele sugere que a educação seja uma forma de libertação e não de aprisionamento do nosso corpo. Freire (1985, p.28) nos revela esse corpo da seguinte forma “O corpo humano, velho ou moço, gordo ou magro, não importa de que cor, é o corpo consciente, que olha as estrelas, é o corpo que escreve, é o corpo que fala, é o corpo que luta, é o corpo que ama, que odeia, é o corpo que sofre, é o corpo que morre, é o corpo que vive!”. O que Freire batizou de “corpo consciente” nos parece o corpo estesiológico nos apresentado por MerleauPonty, ambos apresentando uma perspectiva de pensar nesse corpo relacionado aos seus medos, desejos, anseios.

Dessa forma, podemos afirmar ele se preocupava com o lugar desse corpo na educação desde a década de 60 quando deu início as suas experiências dialógicas, mas ainda hoje, o corpo continua sendo oprimido, invadido e manipulado por uma educação bancária.

Mas não será fácil transformar essa educação bancária em uma educação sensível. A sensibilidade causa medo para aqueles que continuam interessados em manter os corpos aprisionados. Sobre esse referido medo, recorro a Santin (1997) quando ele nos faz refletir que a sensibilidade é vida, e por ser vida ela é liberta

“ser sensível é ser livre para pensar, para falar, para escolher e para agir diante do que deve ser feito, não porque normas anteriores estabeleceram, mas porque as circunstâncias exigem tal resposta, tal atitude, tal gesto, tal palavra, tal olhar” (p.14).

O autor ainda diz que ser sensível é correr riscos, pois a sensibilidade é comprometedora e perigosa, afinal “um erro proveniente de um ato guiado pela intuição sensível sempre será condenável. Uma decisão racional sempre será tida como séria e sensata. Uma decisão inspirada no sentimento sempre será suspeita” (p.15). Por fim, a última dimensão que ele nos traz da sensibilidade diz respeito a presença. “A sensibilidade é presença. É estar-junto. É sentir e sentir-se com o outro. É tocar o outro. A mão que toca, que acaricia. A sensibilidade do tátil, o toque da mão, do abraço, do beijo, possuem uma energia poderosa de aproximação (p.15)”. Neste sentido, Rios e Moreira (2015, p.53), fazem uma relação com a escola e sobre a postura de professores,

Precisamos considerar o aluno não só como um ser que precisa acatar as ordens impostas pelo sistema escolar, mas como aquele que tem sentimentos, sonhos, conhecimentos, desejos, que brinca, sorri, chora, realiza variados movimentos para demonstrar o que sente”.

Sobre o ser professor, Santos (2016, p.302) propõe uma possibilidade fenomenológica

O Ser professor na perspectiva fenomenológica requer posturas flexíveis e reflexivas de repensar esse mundo/vida, de propor o exercício da criatividade, de inovar perante o movimento próprio de ser, de estar, de pensar e de fazer. De estimular a sensibilidade, de estar atento ao percebido, de reafirmar o sentido na mediação pedagógica, para transcender os limites circundantes no contexto educativo.

Considerando a nossa experiência escolar com crianças e adolescentes, quanto mais as crianças avançam no ano de escolaridade, mais os professores vão adquirir posturas inversas a estas supracitadas. Na educação infantil, ainda é possível perceber uma postura mais sensível dos professores. A aprendizagem através do brincar é estimulada, e a liberdade em relação ao movimento de seus corpos é notória. Elas riem, choram, chutam, dormem, batem, empurram.

Recentemente a legislação diminuiu o tempo das crianças na educação infantil, acelerando o tempo que precisariam ser alfabetizadas. Há professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental que consideram “maus costumes” esses hábitos que eles trazem da educação infantil como brincar, dormir, falar sem permissão, levantar-se da sua cadeira.

Ao chegar nos Anos Finais do Ensino Fundamental, os alunos precisam se adaptar a nova rotina de ter mais de dez professores. O conteúdo é mais fragmentado. Os alunos parecem não ter mais nomes, histórias e a relação professor/aluno quase não existe mais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos considerar que a educação sensível é um caminho que possibilita um espaço para o corpo estesiológico. Apesar de percebermos

que muitos educadores se preocupam com essa educação mais sensível ou mais humanizadora, pensar em sensibilidade no âmbito escolar nos convida a refletir sobre as práticas educativas fomentadas pelos professores, na possibilidade de renovar-se ou até inovar o fazer pedagógico, possibilitando aulas em que deem lugar a manifestação do corpo estesiológico. Algumas sugestões poderiam começar em pensar a escola como um espaço de formação para a vida e investir no despertar das sensibilidades tanto na formação inicial assim como na formação continuada dos professores.

FOR A SENSITIVE EDUCATION IN THE SCHOOL CONTEXT: REFLECTIONS ABOUT THE ESTESIOLOGICAL BODY

ABSTRACT: This essay tries to discuss about sensitive education as a possibility for the insertion of the estesiological body in the school environment. Among the main authors that we sought to discuss on the subject, we mentioned Merleau-Ponty and Nóbrega to bring the reflection about the educational body in education. Just as we have recourse to Paulo Freire and Silvino Santin in the discussion about sensitive education.

KEYWORDS: Esthesiological body; Sensitivity; Sensitive education.

POR UNA EDUCACIÓN SENSIBLES EN EL CONTEXTO ESCOLAR: REFLEXIONES EN TORNO DEL CUERPO ESTESIOLOGICO

RESUMEN: Este ensayo tiene como objetivo discutir la educación sensible como una posibilidad para la inserción de estesiológico cuerpo en el entorno escolar. Entre los principales autores que tratan de hablar de ello, citamos Merleau-Ponty y Nóbrega para llevar la reflexión sobre el cuerpo estesiológico en la educación. A medida que nos volvemos a Paulo Freire y Silvino Santin en la discusión de la educación sensible.

PALABRAS CLAVE: Estesiológico cuerpo; La sensibilidad; La educación sensible.

REFERENCIAIS

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência-Introdução ao jogo e às suas regras**. (s.c.): Loyola, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 10.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JÚNIOR, João-Francisco Duarte; FRANCISCO, João. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Criar, 2004.

MERLEAU - PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Freitas Bastos, 1971

NÓBREGA, Terezinha Petrucuada. Uma fenomenologia do corpo. **São Paulo: Editora Livraria da Física**, 2010

RIOS, Fabíola Teixeira Araujo; MOREIRA, Wagner Wey. A importância do corpo no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Evidência**, Nov. 2015.

RODRIGUES, David Antonio (Org.) **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008.

SANTIN, Silvino. Educação e Sensibilidade. Santa Maria, RS, 1997. [Blog Internet] Disponível em <http://silvinosantin.wordpress.com/about/>. Acesso em: 12/12/2016.

SANTOS, Luiz Anselmo Menezes. **O corpo próprio como princípio educativo a partir da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty**. Curitiba: Appris, 2016.